

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

**REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO:
FEMININO E MASCULINO**

Adriana Horta de Faria¹
Fernanda Correia Bezerra²
Josiane Peres Gonçalves³

RESUMO: Os conceitos de sexo e gênero são geralmente considerados como sinônimos, provocando o uso inadequado dos termos. Diante desse pressuposto, têm-se como objetivo deste estudo refletir sobre as diferenças entre os conceitos de sexo e gênero, bem como identificar quais são os papéis de gênero na sociedade atual. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada através de estudos teóricos baseados em autores como Scott (1998), Grossi (2013), Saffioti (1998) entre outros, sobre o tema proposto. Pode-se perceber através deste estudo que por sexo compreende-se a diferença biológica existente entre homem e mulher, enquanto gênero é uma construção social e histórica que fundamenta a distinção e a relação entre o feminino e o masculino.

Palavras-chaves: Sexo. Gênero. Sociedade.

**INTRODUCTORY REFLECTIONS ON THE CONCEPT OF GENDER:
FEMALE AND MALE**

ABSTRACT: The concepts of sex and gender are generally regarded as synonyms, causing the inappropriate use of terms. Given this assumption, there has as objective of this study reflect on the differences between sex and gender concepts and to identify what are the gender roles in society today. This is a literature survey conducted by theoretical studies based on authors such as Scott (1998), Grossi (2013), Saffioti (1998) among others, on the theme. One can see through this study that sex can understand the existing biological difference between men and women, while gender is a social and historical construction that underlies the distinction and the relationship between the feminine and the masculine.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí (UFMS/CPNV). Integrante do "Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação" (GEPDGE). Bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: adrianahortadefariafaria@yahoo.com.br

² Graduanda em Pedagogia pela UFMS/CPNV. Integrante do GEPDGE. Bolsista de Iniciação Científica UFMS PIBIC. E-mail: fernandacorreia.84@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Curso de Pedagogia e Ciências Sociais do UFMS/CPNV. Coordenadora do GEPDGE. E-mail: josianeperes7@hotmail.com

Keywords: Sex. Gender. Society.

INTRODUÇÃO

Em geral, a primeira pergunta que é feita quando uma mulher está grávida é se o bebê é menino ou menina, ou seja, o sexo é a primeira referência para categorizar as pessoas ao longo da vida. É comum preocupar-se em saber qual é o sexo do bebê, porque temos concepções muito diferentes sobre como devem ser as pessoas de cada sexo, do que são capazes, de como devem ser tratadas, do que é melhor para elas e até do seu valor para a sociedade.

Assim, dependendo do sexo da criança, os pais ou responsáveis mudam a forma de tratar o bebê, agindo de acordo com os padrões estabelecidos na cultura em que estão inseridos. Nesse caso, quando se trata de comportamento diferenciado em relação a menina e menino por exemplo, estamos nos referindo ao sexo ou ao gênero? Será que existem diferenças entre ambos os conceitos ou podem ser considerados como sinônimos? Para melhor compreender essa problemática é que foi desenvolvido o presente estudo que tem por finalidade refletir sobre as diferenças entre os conceitos de sexo e gênero, bem como identificar quais são os papéis de gênero na sociedade atual.

Esperamos que as reflexões apresentadas nesta pesquisa bibliográfica contribuam para que haja uma maior compreensão sobre o significado de gênero, de acordo com pesquisadores que desenvolvem estudos nessa área.

SEXO E GÊNERO: ALGUMAS REFLEXÕES

Sabemos que algumas diferenças que existem entre mulheres e homens são biologicamente inatas e essenciais à reprodução, há diferenças nos órgãos sexuais, nos genes e nos hormônios, a categorização por sexo ultrapassa as características biológicas, o ser homem ou mulher, nos direciona a ambientes sociais diferentes.

As definições culturais de masculinidades e feminilidades, as expectativas e experiências diferenciadas, todos os significados sociais e psicológicos ligados ao que é ser homem ou mulher são relacionados a gênero, embora o sexo seja o que define a categorização inicial, o gênero é mais aprendido do que inato.

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudessem explicitar comportamento de homens e mulheres, empreendendo, dessa forma, uma visão naturalista, universal e imutável do comportamento. Tal determinismo serviu para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas. (NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008).

De acordo com Alves e Corrêa (2009), o conceito de gênero, que já era conhecido em textos das Nações Unidas, somente foi legitimado na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), realizada na cidade do Cairo em 1994. Os autores afirmam:

[...] o conceito já era então conhecido e circulava em textos do sistema das Nações Unidas, especialmente documentos de pesquisa. Contudo, no processo preparatório da CIPD (1993-1994), ele seria definitivamente legitimado enquanto linguagem de política pública global, a ser negociada pelos Estados membros das Nações Unidas. (ALVES e CORRÊA, 2009, p.127).

Muito antes da legitimação do conceito de gênero, Scott já utilizava o recurso da categoria gramatical “gênero” como ferramenta conceitual para examinar as desigualdades entre homens e mulheres. Atualmente quando se fala em gênero é fundamental analisar o conceito considerado por Scott (1998, p. 15):

Gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos.

Diante desta perspectiva, o conceito de gênero pode ser utilizado para estabelecer o que é social, cultural e historicamente determinado, isto porque nenhum indivíduo existe sem relações sociais, desde que nasce.

Na mesma vertente, Grossi (2013, p. 5) destaca que:

Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, [...] nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo.

Desta forma mulheres e homens devem ser definidos não pelos órgãos sexuais, mas pela sua identidade de gênero, levando principalmente em consideração que papéis desempenham na sociedade.

Por este prisma, Jesus (2012, p. 8) observa:

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. Saffioti (1998) afirma que prefere trabalhar com o conceito de relações de gênero, ao invés de relações sociais de sexo por entender que:

O termo gênero está linguisticamente impregnado do social, enquanto é necessário explicitar a natureza social da elaboração do sexo. O conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar. (SAFFIOTI, 1998, p.6)

De forma similar, Gonçalves (2009, p. 26) afirma que “[...] o sexo se refere às diferenças biológicas de homens e mulheres, enquanto que gênero é um construto social relacionado à forma como historicamente os grupos sociais foram criando e efetivando os padrões de comportamentos para ambos os sexos”.

Os atributos e papéis relacionados ao gênero não são determinados pelo sexo biológico. Estes papéis estão baseados em relações socialmente prescritas. O papel feminino é visto como gentil emocional e dependente, o masculino agressivo, independente e dominante.

Desta forma, o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero “adequado”. Assim, os papéis femininos e masculinos são considerados opostos, contudo, é possível que as mulheres sejam masculinas como os homens podem ser femininos.

Para Grossi (2013), papel de gênero pode ser entendido como “[...] tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra.” Na nossa sociedade os papéis de gêneros são divididos em masculinidades e feminilidades, são traços de comportamento que identificam e distinguem homens e mulheres.

Vale ressaltar ainda o que afirma Grossi:

A ênfase colocada na "origem social das identidades subjetivas" não é gratuita. De fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usadas nos exemplos mais corriqueiros, como “mulher não pode levantar peso” ou “homem não tem jeito para cuidar de criança”. (GROSSI, 2013, p. 4)

Contudo a autora deixa claro que essa doutrina da ordem natural não passa de uma formulação ideológica que é utilizada para justificar os comportamentos sociais de homens e mulheres em determinada sociedade. Especialmente nas sociedades ocidentais, a biologia é uma explicação de grande peso ideológico, pois aprendemos que ela é uma ciência e que, portanto, tem valor de verdade.

Entretanto a biologia física não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

Sob esta ótica, Maria Luiza Heilborn destaca que as atitudes e ações das pessoas que se diferenciam através do sexo variam de sociedade para sociedade, de tempos em tempos:

O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas ideias acerca do que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente; isto é: quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbolicamente concatenado. (HEILBORN, 2013, p. 12)

Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero. (JESUS, 2012)

IDENTIDADE DE GÊNERO

A construção da identidade depende das relações que estabelecemos com os outros, do meio sócio-cultural, das leis e normas sociais e da forma de vida dos diversos grupos aos quais pertencemos, contudo a identidade de gênero se refere à constituição do sentimento individual de identidade. Desta forma a identidade de gênero faz referência a como nos reconhecemos dentro dos padrões de gênero estabelecidos socialmente.

Existem dois sexos, mulher e homem, e dois gêneros, feminino e masculino. Embora a maioria das mulheres se reconheça no gênero feminino e a maioria dos homens no masculino, isto nem sempre acontece. Falamos, então, de pessoas cujo sexo biológico concorda ou discorda do gênero psíquico: são os cisgêneros e os transgêneros.

São chamadas de cisgênero as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento, ou seja, pessoas que tem o gênero em acordo com o sexo.

Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identifica o sexo biológico com o gênero, como transgênero. (JESUS, 2012).

Ainda segundo a autora, é valido ressaltar que no Brasil, ainda não há consenso sobre o termo. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação às ideias dos autores acima é possível dizer que a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero e é uma construção social e histórica. A partir do gênero podemos perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos.

Assim, para finalizar este trabalho afirmando que sexo é entendido como a diferença biológica existente entre homem e mulher, enquanto gênero é uma construção social e histórica que fundamenta a distinção e a relação entre o feminino e o masculino.

Entendemos que é importante compreender sobre o conceito de gênero para que os comportamentos que são culturais não sejam vistos como naturais ou inatos. É importante que as pessoas tenham a clareza de que agem de determinada forma porque culturalmente convencionou-se a aceitar que esse modelo é o melhor, o que não significa que é natural e que todos tenham que seguir exatamente o mesmo padrão.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D; CORRÊA, S. **Igualdade desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar**, 15 anos depois do Cairo. 2009. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/cairo15/Cairo15_3alvescorrea.pdf. Acesso em 07 Nov. 2013.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

GROSSI, P. M. **Identidade de gênero e sexualidade**. Disponível em http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf> Acesso em 03 Nov. 2013.

HEILBORN, M. L. **Gênero: Uma Breve Introdução**. Disponível em:

http://www.coeptbrasil.org.br/opiniaio_genero.asp. Acesso em: 03 Nov. 2013.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. EDA/FBN. Brasília, 2012.

NOGUEIRA, J. K; FELIPE. A, D; TERUYA, K. T. **Conceitos de gênero, etnia e raça:** reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar.

Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf. Acesso em 07 Nov. 2013.

SAFFIOTI, H. **Emprego doméstico e capitalismo.** Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/178087760/Saffioti>. Acesso em 07 Nov. 2013

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1998.